



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA

ELILIAN GONÇALVES ARAGÃO

PROPOSTA DE DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA:
as alfaias eucarísticas do Museu das Alfaias de Cachoeira, Bahia
(peças de prata, séculos XVIII e XIX)

Cachoeira

2013

ELILIAN GONÇALVES ARAGÃO

PROPOSTA DE DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA:
as alfaias eucarísticas do Museu das Alfaias de Cachoeira, Bahia
(peças de prata, séculos XVIII e XIX)

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Museologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Área de concentração: Documentação Museológica
Orientadora: Sabrina Mara Sant'Anna
Centro de Artes, Humanidades e Letras
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Cachoeira

2013

ELILIAN GONÇALVES ARAGÃO

Monografia intitulada “Proposta de Documentação Museológica: as alaias eucarísticas do Museu das Alaias de Cachoeira, Bahia (peças de prata, séculos XVIII e XIX)”, de autoria da graduanda Elilian Gonçalves Aragão, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Sabrina Mara Sant’Anna (Orientadora)
Mestre em História Social da Cultura - UFMG
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Ana Paula Soares Pacheco
Mestre em Ciência da Arte - UFF
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Cid José Cruz
Bacharel em Teologia- UCSAL
Bacharel em Museologia - UFRB

AGRADECIMENTOS

Como está escrito no salmo 125, versículo 1: “Os que confiam no Senhor serão como o monte de Sião, que não se abala, mas permanece para sempre”. Assim eu quero agradecer em primeiro lugar a Deus, pois sem a ajuda e a permissão Dele eu não estaria em lugar algum. Quero agradecer-lo por todas as graças a mim concedidas durante o período em que estive na universidade, todas as conquistas diárias, todas as dificuldades vencidas e, por fim, por poder comemorar mais essa vitória: a conclusão de minha Graduação em Museologia. Agradeço à fé católica que guiou e guia meus passos e, sem dúvidas, é minha grande inspiração; à Nossa Senhora do Rosário que me cobriu com seu manto e me protegeu ao longo de minha vida.

Existe uma pessoa a quem eu devo todo e total agradecimento: minha mãe Eliete. Sem a ajuda dela e sem a confiança que depositou em minhas mãos, com certeza eu não teria chegado até aqui. A sua coragem, o seu amor, a sua dedicação e a sua força foram, sem dúvida, os pilares nos quais me apoiei para seguir até o fim, mesmo quando a vontade de desistir pairava sobre minha cabeça. Agradeço por ela ser pra mim um exemplo de força: quando as coisas parecem não ter uma solução é aí então que se tira do nada a força pra conseguir tudo. Um muito obrigado ainda é insuficiente para demonstrar tudo que você representa para mim. Essa conquista também é sua, mãe!

Quero agradecer também a todas as pessoas que fizeram parte desta minha caminhada: meus amigos e familiares que, de uma maneira direta ou não, contribuíram para meu desenvolvimento intelectual. Quero agradecer aos colaboradores da Igreja Matriz de Cachoeira, especialmente o Pe. Hélio e o Pe. Cid, que foram fundamentais para o desenvolvimento de meu estudo monográfico. Sem a bondade e a disposição de vocês esse trabalho também não seria possível! Ao Mario Jorge, agradeço a gentileza das fotos que compõe minha monografia. Valeu bonito!

Um muito obrigado também aos meus amigos e colegas de Graduação. Uns hoje já profissionais da museologia, outros como eu, chegando ao fim dessa primeira etapa, e outros que ainda estão por vir. Obrigado pela força, pelas noites em que viramos juntos estudando, pela companhia e pelas risadas. São momentos ímpares que se não existissem, garanto que esse período na universidade não seria completo.

Por fim, mas não menos importante, agradeço à minha professora e orientadora Sabrina Mara Sant’Anna que é, sem dúvidas, uma das minhas maiores incentivadoras. No cumprimento de seu papel docente, cobrou-me, apoiou-me e, com delicadeza, soube me dizer

as palavras certas nos momentos exatos, além de ser fazer ouvinte e interlocutora de minhas angústias. Sem sua ajuda e compreensão nada disso aqui seria possível. Obrigada pela paciência, bondade, perseverança e, acima tudo, por sonhar comigo e acreditar no meu trabalho.

No mais, obrigada a todos que, de uma maneira, ou de outra, contribuíram para a realização desse estudo monográfico. É muito bom saber que sempre vão existir pessoas com quem possamos contar, é muito bom saber que não se é sozinho. A todos vocês, o meu muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso está inserido na área de documentação museológica e se constitui em uma proposta de documentação museológica do acervo de alfaías eucarísticas – peças de prata utilizadas na celebração da eucaristia – pertencente ao Museu das Alfaías da cidade de Cachoeira, Bahia. Sabendo-se que o único tipo de documentação que estas peças possuíam era um livro de registro feito pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no ano de 1994, viu-se a necessidade de fazer uma adequada documentação museológica do acervo em questão.

Palavras – chave: Documentação, Preservação patrimonial, Museu das Alfaías.

ABSTRACT

The present work of completion of course is inserted in the area of documentation and museological constitutes a proposal for documentation of museological acquis eucharistic implements - pieces of silver used in the celebration of the Implements the town of Cachoeira, Bahia. Knowing that the only type of documentation that those pieces had was a book of record made by National Institute of Historical and Artistic Heritage (IPHAN) in the year 1994, saw the need to do a 1994, Saw the need to do a proper documentation of museological acquis in question

Words - keys: Documentation, property Conservation, Museum of Implements

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2- Documentação Museológica: O Desafio Da Pesquisa Nos Museus.....	13
3- O Uso Das Alfaias Na Celebração Eucarística Da Época Tridentin.....	16
4-Uma Proposta De Documentação Museológica.....	20
5-CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
6-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA.....	45

INTRODUÇÃO

O Museu das Alfaias¹ foi criado no dia 7 de novembro de 1970 e instalado na parte dos fundos da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, matriz da cidade de Cachoeira, Bahia. Com muito zelo, a administração paroquial, preocupada com a segurança do acervo, resolveu reunir todas as peças antigas e valiosas que se encontravam espalhadas pelos vários templos cachoeiranos. Além das peças estudadas neste trabalho – as alfaias de prata utilizadas na celebração eucarística – o acervo do supracitado museu também é formado por telas que hoje se encontram na sacristia da Matriz de Nossa Senhora do Rosário, por imagens de santos que estão dispostas neste mesmo templo, além de paramentos litúrgicos, crucifixos, lavabos e outras peças, tais como a batuta de Manoel Tranquilino Bastos, compositor Cachoeirano.

O Museu das Alfaias foi idealizado pelo então Governador do Estado da Bahia, Luiz Viana Filho, e pelo padre Fernando de Almeida Carneiro, então vigário da freguesia da Cachoeira. No dia da inauguração institucional, posto que o Museu das Alfaias nunca foi de fato instalado fisicamente, estiveram presentes na festa vários nomes ilustres da cultura nacional, dentre os quais destacaram-se mais de doze membros da Academia Brasileira de Letras. Até hoje, lamentavelmente, o Museu das Alfaias só existe de forma institucional – está cadastrado no Sistema de Museus brasileiros – mas, efetivamente, não possui um espaço físico, estando parte do acervo trancado dentro de um cofre pertencente à matriz de Nossa Senhora do Rosário. A falta de um espaço físico adequado para expor e guardar o acervo do museu é um problema grave, que gera outros problemas maiores, tais como: má conservação das peças e falta de ações adequadas de segurança. Não por acaso, no dia 20 de agosto de 2012, conforme informou o jornal online Correio da Bahia, sete peças do acervo do Museu das Alfaias (um cálice, duas navetas, um resplendor, uma bacia, um gomil e uma coroa cravejada de ouro e diamantes pertencente à imagem de Nossa Senhora D’Ajuda) foram roubadas do cofre da matriz, sendo todas elas do século XVIII.² Diante deste fato lastimável, observa-se que a ação de manter as peças trancadas no cofre da matriz não foi suficiente, para livrar o acervo de mãos criminosas. Além disso, o Museu das Alfaias não possui um instrumento adequado de documentação do acervo, ou seja, informações sobre a data de

¹ “Palavra usada pela Igreja Católica na acepção das coisas necessárias ao culto. Engloba, portanto, objetos e PARAMENTOS utilizados em cerimônicas litúrgicas. Empregada tanto no singular como no plural, é costume dizer-se *alfaias sagradas* quando se quer falar de objetos, utensílios e PARAMENTOS da Igreja.” Cf. ALFAIA. DAMASCENO, Sueli. *Igrejas Mineiras: Glossário de bens móveis*. Ouro Preto: Instituto de Artes e Cultura/UFOP, 1987. p. 1.

² Algumas das peças roubadas seriam estudadas neste trabalho: o cálice e as duas navetas, sendo uma em forma de pomba. Além das peças informadas no jornal online Correio da Bahia, foram roubadas também todas as patenas que estavam guardadas dentro de uma caixa no cofre. Lamentavelmente, até a conclusão deste trabalho monográfico, nenhuma das peças foi recuperada. .

entrada das peças, descrições detalhadas de cada item do acervo, período histórico a que pertencem os objetos, a forma de aquisição, as intervenções feitas para uma melhor conservação ou restauro. Desta maneira, compreendemos que o trabalho monográfico ora apresentado está devidamente justificado. Nossa proposta de documentação permitirá uma melhor e mais adequada identificação do acervo do Museu das Alfaias e proporcionará a salvaguarda de informações históricas relevantes. Ressalta-se que até então, a única documentação que o acervo do Museu das Alfaias possui é um inventário feito pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no ano de 1994. Este inventário traz apenas uma descrição concisa das peças, informações genéricas (material, fabricação, século, descrição ornamental, entre outros.) e uma foto em preto e branco. As informações são muito concisas e não destacam o valor histórico-cultural de cada um dos itens catalogados.

O acervo do Museu das Alfaias é composto por quatrocentas peças – sendo cem de prata – oriundas dos séculos XVII, XVIII e XIX. Voltando o olhar para a prataria, selecionamos apenas as alfaias diretamente ligadas à celebração eucarística, a saber: duas âmbulas, duas navetas, e quatro turíbulos³. A razão da escolha desses objetos deve-se ao fato de serem eles ainda usados em duas celebrações festivas da cidade de Cachoeira: Corpus Christi, Festa de Nossa Senhora do Rosário e o Te Deum.

Com vistas a informar os leitores não familiarizados com o rito católico ou com as alfaias eucarísticas, inserimos abaixo um quadro com as definições e funções litúrgicas de cada uma das peças selecionadas para estudo. Esclarecemos que tais definições foram redigidas a partir da leitura do livro *Nociones de Arqueología Cristiana para uso de los Seminarios Conciliares: guia de párrocos e juntas de obra y fábrica de las Iglesias*, escrito por D. José de Manjarrés e publicado em Barcelona no ano de 1867.⁴ Saliento que a fonte impressa citada foi elaborada dentro do ideário tridentino e, portanto, expressa os conceitos correspondentes ao mundo católico dos séculos XVII, XVIII e XIX (período em que foram produzidas as alfaias em estudo). Utilizamos também, como referência bibliográfica

³ O acervo de alfaias eucarística de prata confeccionadas durante os séculos XVIII e XIX e que pertencem ao Museu das Alfaias de Cachoeira, Bahia, era composto, segundo o Inventário de Bens de Móveis e Integradas feito pelo IPHAN em 1994, por: 5 âmbulas, 9 cálices, 6 navetas, 9 patenas e 4 turíbulos. Entretanto, a documentação museológica que realizamos registrou apenas duas âmbulas, duas navetas e quatro turíbulos. Esta incongruência foi ocasionada pelos seguintes fatores: todas as patenas que compunham o acervo foram roubadas do cofre da matriz de Nossa Senhora do Rosário em 2012, fato ocorrido antes de terem sido analisadas empiricamente e fotografadas. As outras três âmbulas, bem como os nove cálices e as quatro navetas constantes no Inventário do IPHAN não foram disponibilizadas para observação empírica e registro fotográfico.

⁴ MANJARRÉS, D. José de. *Nociones de Arqueología Cristiana para uso de los Seminarios Conciliares: guia de párrocos e juntas de obra y fábrica de las Iglesias*. Barcelona: Imprenta del Heredero de D. Pablo Riera, 1867. 342 p. Cf. também: DAMASCENO, Sueli. *Igrejas Mineiras: Glossário de bens móveis...* op. cit., 48 p.

indispensável a esta pesquisa, o livro *Igrejas Mineiras: Glossário de Bens Móveis* escrito por Sueli Damasceno e publicado em 1987.⁵

TABELA 1 – Definição, função e imagem fotográfica de alfaías eucarísticas pertencentes ao acervo do Museu das Alfaías de Cachoeira, Bahia⁶

Objeto	Definição	Fotografia
Âmbula	Espécie de cálice com douramento interno e tampa encimada por cruz, utilizado para conservar e distribuir durante a comunhão as hóstias consagradas.	
Cálice	Taça utilizada para colocar e consagrar o vinho durante a celebração eucarística.	
Navetas	Objeto utilizado para armazenar incenso e que pode possuir diversos formatos	

⁵ DAMASCENO, Sueli. *Igrejas Mineiras: Glossário de bens móveis*. Ouro Preto: Instituto de Artes e Cultura/UFOP, 1987. 48 p.

⁶ As fotografias das peças que ilustram a tabela 1 foram feitas por Mário Jorge Gonzaga.

Ostensório	Objeto utilizado para expor o Santíssimo Sacramento (hóstia consagrada) solenemente.	
Patena	Espécie de prato utilizado para colocar a hóstia durante a celebração eucarística.	Imagem não disponível. Quando as fotografias das peças foram feitas as patenas já haviam sido roubadas do cofre da matriz.
Turíbulo	Incensário utilizado durante a celebração eucarística	

No primeiro capítulo deste estudo monográfico discorremos sobre o desafio da documentação museológica e demonstramos que tal trabalho não se limita ao preenchimento de fichas de inventário, mas, ao contrário do que comumente se costuma fazer, a documentação museológica pauta-se em pesquisas científicas criteriosas, cuja finalidade é conhecer e dar a conhecer o valor histórico cultural dos objetos que compõem um determinado acervo. Em virtude disso, no segundo capítulo tratamos de contextualizar historicamente as peças selecionadas para estudo e documentação museológica. Afinal, foram elas confeccionadas e utilizadas durante o período colonial, embora, como já mencionamos em linhas anteriores, algumas ainda sejam usadas nos dias atuais. Nessa linha de abordagem buscamos caracterizar o rito litúrgico católico e como se dava o uso das alfaias eucarísticas durante a missa tridentina. Salientamos que o rito da missa foi por nós descrito levando-se em

conta, principalmente, o momento da consagração das espécies (pão e vinho) e da distribuição das hóstias (Corpo de Cristo). Assim sendo, esclarecemos que nosso segundo capítulo teve como objetivo apresentar os objetos analisados em seu contexto histórico, ou seja, antes que se tornassem peças museais. A ideia foi justamente demonstrar e destacar o valor histórico-cultural e cultural do acervo de alfaias eucarísticas pertencente ao Museu das Alfaias da cidade de Cachoeira, Bahia. Deste modo, no terceiro capítulo apresentamos, de maneira direta e sucinta, nossa proposta de documentação das peças eucarísticas selecionadas para estudo. Partindo das informações contidas no Inventário de Bens Móveis e Integrados elaborado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)⁷ preenchemos as planilhas de inventário do acervo em estudo seguindo o modelo de documentação proposto no *Caderno de Diretrizes Museológicas 1 e 2*.⁸

Capítulo 1

DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA: O DESAFIO DA PESQUISA NOS MUSEUS

Museu, segundo a definição do Comitê Internacional de Museu (ICOM), é uma:

instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e

⁷ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Inventário de Bens Móveis e Integrados da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário*: Cachoeira/Bahia, 1994.

⁸ CADERNO DE DIRETRIZES MUSEOLÓGICAS 1. Brasília: Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006. 2º edição. CADERNO DE MUSEOLOGIA 2. Rio de Janeiro: UNI-RIO, 1994.

expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade.⁹

Assim sendo, podemos afirmar que ao museu cabe a preservação de seu acervo e a responsabilidade de “prolongar a vida” dos bens culturais que estão sob sua guarda. Contudo, partindo do pressuposto de que os objetos são suporte de informação e, portanto, documentos históricos, cabe ao museu não só o desafio da preservação destes objetos, mas também a realização de pesquisas sobre cada um deles, a elaboração de mecanismos de salvaguarda das informações neles contidas ou a eles relativas e a formatação e manutenção de exposições que viabilizem a comunicação (a relação, ou a interação) entre o objeto exposto e o sujeito que o observa. De acordo com o museólogo Mário Chagas:

A possibilidade de comunicação do bem cultural torna possível também a emergência do novo, do original. Em outros termos: o processo de comunicação é base necessária para a produção de conhecimento original a partir do bem cultural preservado. Em contra partida, o processo de investigação amplia as possibilidades de comunicação do bem cultural e dá sentido à preservação. A pesquisa, compreendida como produção de conhecimento pode partir do documento, mas pode também chegar a definir novos documentos.¹⁰

Em consonância com o pensamento exposto acima, Letícia Julião adverte:

Apesar de não ser uma realidade muito comum, os museus não devem privilegiar um ou outro campo de ação. Devem refletir um equilíbrio entre as funções de preservação, investigação e comunicação, de modo a alicerçar a interação entre usuário e acervo, objeto prioritário de qualquer museu.¹¹

Refletindo sobre as palavras dos estudiosos Mário Chagas e Letícia Julião, torna-se evidente a necessidade do desenvolvimento de pesquisas por parte dos museus, pois estas, além de gerarem informações sobre os acervos – úteis para uma acertada ação de preservação e para uma adequada documentação museológica – possibilitam a realização de exposições que verdadeiramente provocam a interação entre o sujeito e o objeto. Ainda segundo Mário Chagas: “A pesquisa é a garantia da possibilidade de uma visão crítica sobre a área da documentação, envolvendo a relação homem-documento-espço, o patrimônio cultural, a memória, a preservação e a comunicação”.¹²

⁹ A definição supracitada foi aprovada pela 20ª Assembléia Geral do International Council of Museums (ICOM – Conselho Internacional de Museus) ocorrida em Barcelona, Espanha, em 06 de julho de 2001. A definição pode ser consultada em: <<http://difusaocultural.ufrgs.br>> Acesso em 15 de abril de 2013.

¹⁰ CHAGAS, Mário. *Caderno de Museologia 2*. Rio de Janeiro: UNI-RIO, 1994. p. 42-43.

¹¹ JULIÃO, Letícia. Pesquisa Histórica no Museu. In: *Caderno de Diretrizes Museológicas 1*: Brasília: Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006. p. 96.

¹² CHAGAS, Mário. *Caderno de Museologia 2*... op. cit., p. 42.

Conforme nos orienta a estudiosa Maria Inez Cândido:

Como parte integrante dos sistemas de preservação do Patrimônio Cultural, é papel dos museus criar métodos e mecanismos que permitam o levantamento e o acesso às informações das quais objetos/documentos são suportes, estabelecendo a intermediação institucionalizada entre o indivíduo e o acervo preservado.¹³

Portanto, é a partir da documentação que se preserva a informação contida no próprio objeto, posto que ele carrega em si mesmo tradições e histórias que testemunham o modo de vida e a cultura de determinadas épocas e povos.

Objetos comuns e anônimos, fruto do trabalho humano e vestígios materiais do passado, correspondem às condições e circunstâncias de produção e reprodução de determinadas sociedades ou grupos sociais. Na natureza latente desses objetos, há marcas específicas da memória, reveladoras da vida de seus produtores e usuários originais. Mas nenhum atributo de sentido é imanente, sendo vão buscar no próprio objeto o seu sentido (...). Para que responda as necessidades do presente e seja tomado como *semióforo*, é necessário trazê-lo para o campo do conhecimento histórico e investi-lo de significados. Isso pressupõe interrogá-lo e qualificá-lo, decodificando seus atributos físicos, emocionais e simbólicos como fonte de pesquisa.¹⁴

Os objetos podem e precisam ser questionados pelo investigador que deles se ocupa. Deve-se perguntar, por exemplo: qual o material e a técnica utilizados na sua fatura?, de que lugar ele veio?, qual a sua função, ou, finalidade?, para que, ou, para quem foi feito?, em que época foi produzido?, quem o produziu, ou, encomendou?, etc. A observação empírica e a descrição física dos objetos são ferramentas capazes de nos elucidar muitas questões levantadas. Contudo, é imprescindível que aliada à observação empírica esteja também a leitura de referências bibliográficas e outras fontes históricas, ou seja, documentos escritos, orais e imagéticos que nos permitam compreender o contexto do próprio objeto analisado. Não por acaso, no segundo capítulo deste estudo monográfico ocupamo-nos em conhecer o modo como se celebrava o rito eucarístico na época tridentina e para que serviam as âmbulas, patenas, custódias, cálices, navetas e turíbulo.

Ainda sobre a importância da documentação, Maria Inez Cândido afirma:

A documentação de acervos museológicos é um procedimento essencial dentro de um museu, representando o conjunto de informações sobre os objetos por meio da palavra (documentação textual) e da imagem (documentação iconográfica). Trata-se,

¹³ CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação Museológica. In: *Caderno de Diretrizes Museológicas 1*. Brasília: Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006. p. 32-33.

¹⁴ CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação Museológica. In: *Caderno de Diretrizes Museológicas 1*... op. cit., p. 32.

ao mesmo tempo, de um sistema de recuperação de informação capaz de transformar acervos em fontes de pesquisa científica e/ou em agentes de transmissão de conhecimento, o que exige a aplicação de conceitos e técnicas próprios, além de algumas convenções, visando a padronização de conteúdos e linguagens.¹⁵

Salientamos que é exatamente nessa linha teórica que caminha nosso estudo monográfico. Nosso ponto de partida, conforme explicitamos na introdução, foi a inexistência de uma documentação museológica elaborada especificamente para o acervo do Museu das Alfaias de Cachoeira, Bahia. Obviamente que o fato do citado museu não existir fisicamente, mas apenas institucionalmente, ocasionou a falha que apontamos: um acervo de objetos sacros que não é pesquisado, não é documentado (apenas catalogado pelo IPHAN), não é exposto e, conseqüentemente, é privado de seu potencial comunicador. Diante dessa realidade, propomos, através deste estudo monográfico, a documentação das alfaias eucarísticas confeccionadas em prata durante os séculos XVIII e XIX e que fazem parte do Museu das Alfaias de Cachoeira. De fato e de direito, o que fizemos é apenas uma proposta de documentação, pois o equilíbrio entre as ações de preservação, pesquisa e comunicação só serão possíveis quando o museu for efetivamente instalado e aberto ao público.

Capítulo 2

O USO DAS ALFAIAS NA CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA DA ÉPOCA TRIDENTINA

A celebração eucarística origina-se da última ceia do Senhor, quando Jesus tomou o pão e o vinho, abençoou e ofereceu aos seus discípulos seu próprio corpo e sangue ordenando que a partir daquele momento o mesmo rito fosse celebrado em memória Dele.

¹⁵ CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação Museológica. In: *Caderno de Diretrizes Museológicas 1...* op. cit., p. 34.

Entre 1545 e 1563 a Igreja Católica, em resposta às críticas protestantes, realizou um importante concílio na cidade de Trento. Ressalta-se que uma das principais críticas protestante daquele momento constituía-se no questionamento da presença real do Cristo na eucaristia. Em razão disso, os membros do concílio tridentino reafirmaram a doutrina da transubstanciação, ou seja, a transformação do pão e do vinho no próprio Corpo e Sangue de Cristo por meio da consagração sacerdotal.

Conforme as *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* – documento publicado em 1707 com o objetivo de confirmar e adequar os preceitos do concílio tridentino à Colônia Americana Portuguesa – a eucaristia é na ordem dos sacramentos o terceiro, mas na importância o primeiro e na perfeição o último:

É o Santíssimo, e Augustíssimo Sacramento da Eucharistia na ordem o terceiro dos Sacramentos; mas nas excellencias o primeiro, e na perfeição o ultimo. Nas excellencias o primeiro, porque entre todos é o mais excellente, Divino e soberano, pois não só contém a graça, como os mais Sacramentos, mas encerra em si real, e verdadeiramente o Autor da mesma graça, e instituidor de todos os Sacramentos. É também na perfeição o ultimo; porque a perfeição de todos os mais se ordena, como disposição para este, que é o complemento da perfeição de todos os Sacramentos. Não se attende aqui á maior excellencia dos Sacramentos da Confirmação, e Ordem em razão do Ministro, que os administra. Instituiu Christo Senhor nosso este soberano Sacramento na vespera de sua Paixão sagrada, depois da ultima Cea legal, para que fosse um memorial perene da mesma Paixão, penhor da gloria, que esperamos, e espiritual alimento de nossas almas.¹⁶

A celebração eucarística iniciava-se no momento da preparação das espécies (ou accidentes), quando o pão e o vinho, eram trazidos e colocados sobre o altar para a consagração. Logo em seguida o sacerdote pronunciava as orações contidas no missal e as espécies eucarísticas se transubstanciavam em Corpo e Sangue de Cristo. De acordo com as *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*

(...) para que este Sacramento [a eucaristia] durasse na Igreja Catholica em quanto o mundo fosse mundo, este mesmo poder de consagrar o pão, e vinho em seu Corpo, e Sangue deo aos Apóstolos, e nelles a todos os sacerdotes futuros, aos quaes so instituiu legitimos Ministros deste Sacramento, mandando, que todas as vezes, que elles o celebrassem, fosse em seu nome, e memória. Este mesmo poder de consagrar não perdem nunca os Sacerdotes, posto que estejam suspensos, excommungados, e degradados. A matéria desse sacramento é o pão de trigo, e vinho de vide: e no calix do vinho se ha tambem lançar uma pouca de agoa, como Cristo o fez, e a sua Igreja Catholica o determina, pelos grandes mysterios, que nesta cerimonia representão. A

¹⁶ VIDE, Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* feitas, e ordenadas pelo illustrissimo, e reverendíssimo senhor D. Sebastião Monteiro da Vide, 5º Arcebispo do dito Arcebispado, e do Conselho de Sua Magestade: propostas, e aceitas em o Synodo Diocesano, que o dito senhor celebrou em 12 de junho do anno de 1707. Impressas em Lisboa no anno de 1719, e em Coimbra em 1720 com todas as licenças necessarias, e ora reimpressas nesta Capital. São Paulo. Na Typographia de Antonio Louzada Antunes. 2 de Dezembro. 1853. Livro 1, Título XXIV, nº 83 p. 35-36. (A grafia original foi mantida).

fórma são as palavras da consagração, que estão no Canon da Missa, e são as mesmas, que Christo nosso Senhor disse, quando consagrou o pão, e vinho em seu Corpo, e sangue.¹⁷

Conforme explicitamos em linhas anteriores, era durante a preparação das espécies que as primeiros utensílios destinadas à celebração eucarística (aqueles por nós selecionados) entravam em cena: o **cálice** (onde se armazenava o vinho para a consagração) e a **patena** (usada para colocar a hóstia durante a consagração). No momento da consagração das espécies, ou acidentes, o padre elevava o cálice e a patena e, pronunciando as palavras de consagração, pedia ao próprio Cristo que abençoasse aquele pedaço de pão (hóstia) e aquele cálice de vinho para que se transformassem em seu próprio Corpo e Sangue, respectivamente. Seguindo o rito da missa Tridentina, logo após as alfaias respectivas terem sido depositadas sobre o altar, seguia-se a incensação.¹⁸ Nesse momento mais outros dois paramentos eram usados: a **naveta** e o **turíbulo**. O primeiro era destinado a armazenar o incenso, enquanto o segundo servia para queimá-lo juntamente com a brasa e, assim, dispersar a fumaça no templo. Logo após a preparação das espécies eucarísticas (hóstia e vinho) ocorria a lavagem das mãos.¹⁹

Antes da efetiva consagração e, portanto, da transubstanciação das espécies, era realizado o prefácio: um conjunto de preces elevadas a Deus pelo sacerdote. A partir de então e, somente depois disso, era feita a oração que desencadeava a consagração das espécies. Todas as preces da eucarística eram realizadas em voz alta e só se encerravam no momento da oração do santo, quando o silêncio se fazia presente. O sinal do acólito com as sinetas rompia o instante introspectivo avisando a todos da elevação das espécies. Em seguida, o silêncio novamente pairava no ar, sendo quebrado pelo canto do Santo e do Bendito:

Nesse momento aparece a série de portadores de tochas e se posicionam na frente do altar como para uma grande recepção, a assistência de coro cai de joelhos, o Hosana é entoado, cumprimentando e homenageando, para receber aquele que vem em nome do Senhor.²⁰

¹⁷ Cf. VIDE, D. Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia...* op. cit., Livro 1, Título XXII, nº 84 p. 36. (A grafia original foi mantida).

¹⁸ O grande sentido do incenso na missa é elevar a Deus algo que foi consagrado a Ele. O carvão em brasas e o perfume que sobe do turíbulo dirigem o pensamento dos fiéis ao bem mais nobre que se pode pedir a Deus: o fogo do amor divino. JUNGSMANN, Josef A. *Missarum sollemnia: origens, liturgia, historia e teologia da missa romana*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 543-545.

¹⁹ O ato de lavar as mãos simboliza a pureza necessária para se tocar naquilo que é sagrado. JUNGSMANN, Josef A. *Missarum sollemnia...* op. cit., p. 549

²⁰ JUNGSMANN, Josef A. *Missarum sollemnia...* op. cit., p. 571.

O rito da comunhão é o ápice da celebração eucarística. Nesse instante o pão (a hóstia) e o vinho já se transubstanciaram em Corpo e Sangue de Cristo, ou seja, a aparência ainda é de pão (hóstia) e vinho, mas a substância já é o Corpo e o Sangue de Jesus. A comunhão é o momento em que os fiéis recebem a eucaristia e, por isso, todos deviam estar devidamente preparados e conscientes do que iriam receber e celebrar: o sacrifício do filho unigênito de Deus. Por esta razão, as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia ordenavam:

Assim como é louvável, e santo, que os Christãos, verdadeiramente penitentes, recebem muitas vezes este Divino Sacramento; assim é justo, e decente, que se não administre aos peccadores públicos. Pelo que mandamos, que não sejam admittidos á communhão os públicos excommungados, interdictos, feiticeiros, magicos, blasfemos, usurarios, e publicas meretrices, e os que estão publicamente em odio, e outros quaesquer públicos peccadores, se não constar publicamente de sua emenda, e arrependimento, e que tem primeiro satisfeito ao público escandalo, que com seu mau viver tiveram dado. E quando secretamente constar de sua emenda secretamente se lhes administrará o Santissimo Sacramento, porque tambem então secretamente não ha escandalo. Porem no artigo da morte se administrará á aquelles, que estavam antes em peccado publico, posto que publicamente não conste de sua emenda, tendo-se primeiramente confessado com a devida disposição. Declaramos, que para este effeito serão havidos sómente por peccadores publicos aquelles, cujos peccados constão por sentença, que passou por cousa julgada; ou confissão feita em juízo, ou cuja infamia foi tão notoria, que não póde encubrir, nem desculpar. Tambem mandamos, se denegue aos peccadores occultos, quando consta não estarem emendados, se o pedirem occultamente: mas pedindo-o publicamente se lhes administrará, (ainda que secretamente conste, que nelles não ha emenda) para se evitar o escandalo de lhes ser negado.²¹

A comunhão era realizada conforme uma ordem fixa: o primeiro a receber o sacramento era o coordenador episcopal, aquele que estava presidindo a celebração eucarística, logo após o clero presente – de acordo com o “grau de dignidade clerical” – e, por ultimo, a assembléia de devotos. Durante o rito da comunhão, as alfaias eucarísticas ficavam em evidência, especialmente quando o presidente da celebração comungava, pois ele descobria o cálice, levava a hóstia à boca e, sem seguida, o cálice; servindo-se assim do corpo e do sangue de Cristo. Ressalta-se que o mesmo ato era praticado por todo o clero que estivesse participando da celebração da Missa. Deste modo, usava-se o **cálice**, a **patena** e, em muitos casos, a **âmbula** (onde eram colocadas as hóstias que sobravam, ou seja, que não foram consumidas pela assembléia). Após os sacerdotes e os fiéis receberem a eucaristia, seguia-se o rito de ablução, ou seja, purificação do sacerdote e do cálice que levou o sangue sagrado.²² As partículas eucarísticas que por ventura sobravam eram colocadas na âmbula e

²¹ VIDE, D. Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia...* op. cit., Livro 1, Titulo XXIII, nº 88, p. 38-39. (A grafia original foi mantida)

²² Segue o chamado rito de Ablução: o sacerdote toma um pouco do vinho pós-comunhão. Assim ele se purifica e purifica o cálice para que não reste no mesmo nenhuma sobra do sangue de Cristo.

guardadas no sacrário (localizado a partir da época moderna sobre o meio do altar-mor ou na Capela do Santíssimo. Sempre que o corpo de Cristo era depositado no sacrário uma vela ficava acesa, indicando aos fiéis que o Senhor se fazia presente no recinto).

Finalizada a missa, os devotos eram enviados às suas respectivas casas após receberem a benção de envio, pois para o sentido real da celebração era então chegada a hora de partilhar em suas casas, com suas respectivas famílias, tudo o que haviam vivido na missa, na comunhão do Corpo Místico de Cristo: a Igreja.

Conforme demonstramos neste capítulo, as alfaias de prata que elegemos para estudo eram usadas durante a celebração da missa tridentina, em especial no momento da celebração eucarística. Dizemos assim porque os **turíbulos** e **navetas**, por exemplo, eram usados tanto no início da missa, quanto na liturgia eucarística, na liturgia da palavra e nos ritos finais. Assim sendo, esperamos ter evidenciado para os leitores o valor histórico cultural e cultural, bem como as funções específicas de cada uma das alfaias eucarísticas que compõem, ou lamentavelmente compunham antes do roubo da matriz, o acervo do Museu das Alfaias de Cachoeira, Bahia.

Capítulo 3

UMA PROPOSTA DE DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA

Nossa proposta de documentação para os paramentos eucarísticos de prata do Museu das Alfaias de Cachoeira, Bahia, está fundamentada nas recomendações do *Caderno de Diretrizes Museológicas 1 e 2*. O capítulo escrito por Maria Inês Cândido, registrado no volume 1 da supracitada publicação, foi de extrema importância para o desenvolvimento de

nosso estudo monográfico.²³ Nele a autora discorre sobre as principais características da documentação museológica e nos apresenta um “Modelo de Fichas de Inventário”.

De acordo com Maria Inês Cândido, são pontos fulcrais para uma boa documentação museológica: conhecer as propriedades físicas do objeto, sua história, sua função e seu significado. A autora argumenta que ao se documentar objetos constituintes de um determinado acervo, deve ser levado em conta tanto as informações perceptíveis na análise visual de cada um deles, quanto as informações extrínsecas a cada um deles, isto é, o histórico da peça, sua função e seu significado. Sobre a questão do número de registro dos objetos inventariados, Maria Inês Cândido afirma que não existe uma forma única e oficial. A recomendação é que o número de registro seja sequencial e que cada instituição adote o que melhor lhe convém. Desta maneira, optamos por adotar a numeração tripartida composto primeiramente por uma sigla criada com base nas iniciais do Museu das Alfaias (MA), uma sequência numérica de três algarismos que nos indica a que tipologia do acervo o objeto pertence (no nosso caso a prataria) e, por último, uma sequência binária que é registrada conforme a ordem de catalogação dos objetos no acervo do museu. Ainda de acordo com Maria Inês Cândido:

O código de identificação de cada objeto deve ser obrigatoriamente registrado no próprio objeto, através de etiquetas ou outros tipos de marcação, sendo imprescindível a participação de um conservador nesse processo. Paralelamente a marcação física dos objetos deve ser produzindo um instrumento de pesquisa, listagem de Registro ou inventário do Acervo, no qual todos os objetos devem estar identificados.²⁴

Após o registro dos objetos, faz-se necessária a classificação de cada um em seu grupo específico, podendo ser tomado como referência a sua função e/ou seu significado. O *Caderno de Diretrizes Museológicas* apresenta-nos um questionamento sobre o critério de classificação de objetos baseado em sua função:

A classificação de cada objeto se fundamenta no critério função. Essa função, na maioria das vezes entendida como original utilitária e primária, portanto de significado funcional, é atributo imutável e presente em todos os objetos, constituindo o critério básico de classificação. Mas em alguns casos, a classificação do objeto adota como critério uma função original secundária também inerente a sua fatura, mas de significado simbólico, que se revela pela leitura de seu sentido documental e que vem associada a sua função utilitária primária.²⁵

²³ CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação Museológica. In: *Caderno de Diretrizes Museológicas 1...* op. cit., p. 34-92.

²⁴ CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação Museológica. In: *Caderno de Diretrizes Museológicas 1...* op. cit., p. 38.

²⁵ CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação Museológica. In: *Caderno de Diretrizes Museológicas 1...* op. cit., p.

Isso significa que alguns objetos podem possuir mais de um significado funcional e isso pode acarretar problemas na documentação museológica das instituições. Por exemplo: no caso do acervo que estamos documentando, a patena poderia ser inserida na classe de pratos, afinal, desconectada de seu significado litúrgico ela é apenas um prato. Contudo, exatamente por conhecermos o rito eucarístico e a função da patena dentro desse rito litúrgico, fica fácil classificá-la como uma alfaia ou, mas especificamente ainda, como uma alfaia eucarística.

Antes de apresentarmos ao leitor nossa proposta de documentação das alfaias eucarísticas, optamos por mostrar a tabela de registro dos objetos que estamos a documentar. Como esse acervo foi inventariado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1994, anotamos primeiro o número de registro que criamos para cada objeto registrado no museu e, depois, o número que identifica cada um deles no Inventário de Bens Móveis e Integrados do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Tabela 2 – Catalogação das alfaias eucarísticas: Termo, Registro e Classe

Termo	Código de inventário Museu das Alfaias	Número de inventario anterior: IPHAN	Classe
Âmbula	MA.994.01	BA/94-0001.0230	Alfaia eucarística
Âmbula	MA.994.02	BA/94-0001.0232	Alfaia eucarística
Naveta	MA.994.03	BA/94-0001.0124	Alfaia eucarística
Naveta	MA.994.04	BA/94-0001.0127	Alfaia eucarística
Turíbulo	MA.994.05	BA/94-0001.0129	Alfaia eucarística
Turíbulo	MA.994.06	BA/94-0001.0122	Alfaia eucarística
Turíbulo	MA.994.07	BA/94-0001.0121	Alfaia eucarística
Turíbulo	MA.994.08	BA/94-0001.0126	Alfaia eucarística

Esclarecemos que este procedimento foi seguido por três razões: a) não podemos desconsiderar a documentação feita anteriormente pelo IPHAN; b) No inventário feito pelo IPHAN constam alguns objetos que não se encontram mais no acervo do Museu das Alfaias em virtude do roubo ocorrido em 2012; c) Caso os objetos roubados sejam encontrados futuramente, a identificação deles e a comprovação de que pertenciam ao Museu das Alfaias será feita com base na documentação do IPHAN e não na documentação do Museu das Alfaias, pois nesta última não haverá o registro das peças roubadas.

O modelo de planilha de inventário que tomamos como ponto de partida está dividido em seis partes, a saber: IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO (com dezenove campos para

preenchimento: Coleção, Categoria de Acervo, Código de Inventário, N° de Inventário Anterior, Termo, Classificação, Título, Data, Data Atribuída, Autoria, Material e Técnica, Origem, Procedência, Modo de Aquisição, Data de Aquisição, Marcas e Incrições, Estado de Conservação, Dimensões, Descrição do Objeto); ANÁLISE DO OBJETO (com quatro campos para preenchimento: Dados Históricos, Características Iconográficas, Características Estilísticas, Características Técnicas), CONSERVAÇÃO DO OBJETO (com três campos para preenchimento: Diagnóstico, Intervenções Anteriores, Recomendações), NOTAS (com seis campos para preenchimento: Histórico de Exposições /Prêmios, Histórico de Publicações, Referências Arquivísticas/Bibliográficas, Avaliação para Seguro, Observações, Localização), REPRODUÇÃO FOTOGRÁFICA (com dois campos para preenchimento: Controle, Fotógrafo/Data) e, por fim, DADOS DE PREENCHIMENTO (com três campos para preenchimento: Preenchimento/Data, Revisão/Data, Digitação/Data).

Em nossa proposta de documentação museológica das peças de prata que eram usadas durante a celebração eucarística nos séculos XVIII e XIX e que atualmente fazem parte do acervo do Museu das Alfaias de Cachoeira, Bahia, optamos por manter a mesma estrutura da ficha proposta no *Caderno de Diretrizes Museológicas 1*, alguns campos não serão preenchidos por conta de que o museu na atualidade não está em funcionamento e por não possuir uma equipe interdisciplinar, não foi possível dá determinados diagnósticos.

Por fim, se faz necessário lembrar que o acervo do Museu das Alfaias não se fundamenta apenas nas alfaias eucarísticas aqui estudadas, o mesmo possui outras 400 peças, portanto aqui fora feito apenas um recorte desse acervo, logo este trabalho é um contributo para a documentação museológica para o Museu.

5 Modelos de planilhas de inventário

	SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA SUPERINTENDÊNCIA DE MUSEUS MUSEU: _____					
	C U L T U R A					
INVENTÁRIO DO ACERVO DE OBJETOS						
IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO						
1. Coleção: 2. Categoria de Acervo: 3. Código de Inventário: 4. Nº de Inventário Anterior: 5. Termo: 6. Classificação: 7. Título: 8. Data: 9. Data Atribuída: 10. Autoria: 11. Material e Técnica: 12. Origem: 13. Procedência: 14. Modo de Aquisição: <input type="radio"/> compra <input type="radio"/> produto de oficina <input type="radio"/> transferência <input type="radio"/> doação <input type="radio"/> recolhimento <input type="radio"/> permuta 15. Data de Aquisição: 16. Marcas e Inscrições: 17. Estado de Conservação: <input type="radio"/> ótimo <input type="radio"/> bom <input type="radio"/> regular <input type="radio"/> péssimo 18. Dimensões: Alt. 1: Comp. 1: Larg. 1: Diâm. 1: Prof. 1: Peso 1: Alt. 2: Comp. 2: Larg. 2: Diâm. 2: Prof. 2: Peso 2:	 <p>IMAGEM DIGITALIZADA</p>					
19. Descrição do Objeto:						
ANÁLISE DO OBJETO						
20. Dados Históricos: 21. Características Iconográficas: 22. Características Estilísticas: 23. Características Técnicas:						
CONSERVAÇÃO DO OBJETO						
24. Diagnóstico: 25. Intervenções Anteriores: 26. Recomendações:						
NOTAS						
27. Histórico de Exposições/Prêmios: 28. Histórico de Publicações: 29. Referências Arquivísticas/Bibliográficas: 30. Avaliação para Seguro: 31. Observações: 32. Localização: <input type="radio"/> SEL/D <input type="radio"/> SE/T <input type="radio"/> RT <input type="radio"/> OUTROS						
REPRODUÇÃO FOTOGRÁFICA						
33. Controle: 34. Fotógrafo/Data:						
DADOS DE PREENCHIMENTO						
35. Preenchimento/Data: 36. Revisão/Data: 37. Digitação/Data:						

FICHA 1:	
Nome: Ambula	
Coleção: Museu das Alfaias	
Categoria de acervo: Ourivesaria	
Código de inventario: MA.994.01	
Numero de inventario anterior: BA/94-0001.0230	
Termo: Alfaia Eucarística	
Classificação: Objeto Litúrgico	
Data: s/r	
Data atribuída: séc. XVIII	
Autoria: Sem Registro	
Matéria/técnica: prata/ dourada/fundida/cinzelada	
Origem: Sem Registro	
Procedência: Sem Registro	
Modo de aquisição: compra	
Estado de conservação: péssimo	
Data de aquisição: Sem Registro	
Marcas e inscrições: Sem Registro	
Dimensões: altura: 26 cm de altura; 11 cm de diâmetro e peso: 500 g	
Diagnósticos:	
Descrição do objeto; Objeto todo em prata e dourado, com base circular e possui um formato oval, composto por duas partes, a que é sustentada por esta base e uma tampa	

<p>que compõe o objeto. A tampa possui no centro um crucifixo que também serve de apoio na hora de abrir o objeto, a borda da tampa é frisada com espécies de folhas. Tanto na base, como na tampa, estas folhas são envoltas de flores e volutas arredondadas compondo toda decoração da peça.</p>
<p>Dados históricos: A peça é pertencente ao Museu das alaias da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário da cidade de Cachoeira na Bahia, esta peça pertence ao séc. VIII e foi usada no período de Trento, esta foi adquirida para a paróquia através da compra e só com o passar do tempo a mesma foi incorporada ao acervo do museu, por seu valor aquisitivo, mas também por seu valor histórico-cultural. Contudo ainda nos dias atuais essa peça é usada em momentos mais festivos, como a Festa da Padroeira Nossa Senhora do Rosário, na Festa de Pentecostes, Corpus Christi e outras festas importantes para a fé católica.</p>
<p>Características iconográficas Vaso com tampa para a conservação e distribuição das hóstias na liturgia, que também pode ser denominado como cibório e/ou píxide. Até a Idade Média constituía-se de uma caixinha de metal, marfim ou mesmo madeira, em forma simples e posteriormente inspirou-se nas formas arquitetônicas das igrejas. Somente a partir do século XVI ganha forma arredondada. O vaso nos dias de hoje é chamado de âmbula. Este possui dois tipos de serventia, podendo ser usado tanto para colocar a hóstia consagrada para a distribuição, tanto quanto para o armazenamento no sacrário das hóstias que sobraram da Missa. Em sua grande maioria são feitos em ouro ou prata, representando a realeza de Cristo, a decoração da peça é bem característica do período em que foi criada, trazendo ornamentos e decoração que expressam bem o barroco, onde os artistas se se focavam na riqueza dos detalhes, usando bastantes ornamentos, ouro e ostentando também desta forma, a riqueza da Igreja neste período.</p>
<p>Características técnicas: Peça criada em prata/ dourada/fundida/cinzelada, composta por 2 partes: Uma base oval em forma de cálice invertido, uma outra superior também com formato oval e uma tampa com uma cruz na parte superior.</p>
<p>Características estilísticas:</p>
<p>Históricos de Publicação:</p>
<p>Referencia Arquivística/ Bibliográficas:</p>
<p>Avaliação Para Seguro:</p>
<p>Fotógrafo/Data: Mário Gonzaga Jorge Junior/ Abril de 2013</p>
<p>Controle: DSC01034</p>
<p>Preenchimento/data: Elilian Gonçalves Aragão/ Abril de 2013</p>
<p>Revisão/Data: Elilian Gonçalves Aragão/ Abril de 2013</p>
<p>Digitação/Data: Elilian Gonçalves Aragão/ Abril de 2013</p>

FICHA 2:	
Nome: Ambula	
Coleção: Museu das Alfaias	
Categoria de acervo: Ourivesaria	
Código de inventario: MA.994.02	
Numero de inventario anterior: BA/94-0001.0232	
Termo: Alfaia Eucarística	
Classificação: Objeto Litúrgico	
Data: s/r	
Data atribuída: séc. XVII/XVIII	
Autoria: S/R	
Matéria/técnica: prata/ dourada/fundida/batida	
Origem: s/r	
Procedência: s/r	
Modo de aquisição: compra	
Estado de conservação: Bom	
Data de aquisição: s/r	
Marcas e inscrições: s/r	
Dimensões: altura: 25 cm; peso: 317,5g. Diâmetro: 10 cm	
Descrição do objeto; Ambula em forma de cálice, com uma base circular,	

<p>dividido em duas partes, (a base e a tampa). Este é um objeto liso sem muitas decorações, tanto a base quanto à tampa possui uma forma lisa. Tampa encimada com uma cruz.</p>
<p>Dados históricos A peça é pertencente ao museu das alfaias, instituição da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário da cidade de Cachoeira na Bahia, esta peça pertence ao sec. XIX e foi usada no período de Trento, a mesma foi adquirida para a paróquia através da compra e só com o passar do tempo foi incorporada ao acervo do museu, por seu valor aquisitivo, mas também por seu valor histórico-cultural. Contudo ainda nos dias atuais essa peça é usada em momentos mais festivos, como a Festa da Padroeira Nossa Senhora do Rosário, Pentecostes, Corpus Christi e outras festas importantes para a fé católica. Esta é uma peça usada basicamente para fins litúrgicos, não possuindo nenhum dado que informe sobre seu uso fora da liturgia católica.</p>
<p>Características iconográficas: Vaso com tampa para a conservação e distribuição das hóstias na liturgia, que também pode ser denominado como cibório e/ou píxide. Até a Idade Média constituía-se de uma caixinha de metal, marfim ou mesmo madeira, em forma simples e posteriormente inspirou-se nas formas arquitetônicas das igrejas. Somente a partir do século XVI ganha forma arredondada. O vaso nos dias de hoje é chamado de âmbula, esse possui dois tipos de serventia, podendo ser usado para colocar a hóstia consagrada para a distribuição, quanto para o armazenamento no sacrário das hóstias que sobraram da Missa. Em sua grande maioria são feitos em ouro ou prata, representando a realeza de Cristo. Esta peça não possui muitos ornamentos, pois tanto a sua base quanto a sua tampa são lisos, apenas encimado com uma cruz.</p>
<p>Características técnicas: Peça criada em prata/dourada/fundida/batida, composta por 2 partes: Uma base em forma de cálice invertido, uma outra superior com formato de tampa encimada por uma cruz.</p>
<p>Características estilísticas:</p>
<p>Históricos de Publicação:</p>
<p>Referencia Arquivística/ Bibliográficas:</p>
<p>Avaliação Para Seguro:</p>
<p>Controle: DSC01022</p>
<p>Fotógrafo/Data: Mário Gonzaga Jorge Junior/ Abril de 2013</p>
<p>Preenchimento/data: Elilian Gonçalves Aragão/ Abril de 2013</p>
<p>Revisão/Data: Elilian Gonçalves Aragão/ Abril de 2013</p>
<p>Digitação/Data: Elilian Gonçalves Aragão/ Abril de 2013</p>

FICHA 3:	
Nome: Naveta	
Coleção: Museu das Alfaias	
Categoria de acervo: Prataria	
Código de inventario: MA.994.03	
Numero de inventario anterior: BA/94-0001.0124	
Termo: Alfaia Eucarística	
Classificação: Objeto Litúrgico	
Data: s/r	
Data atribuída: séc. XVII	
Autoria: S/R	
Matéria/técnica: prata/fundida/cinzelada	
Procedência: s/r	
Origem: s/r	
Modo de aquisição: compra	
Estado de conservação: péssimo	
Data de aquisição: s/r	
Marcas e inscrições: s/r	
Dimensões: altura: 12,5cm de altura; 26 cm de largura e peso: 900 g	
Descrição do objeto; Peça em prata com formato de embarcação composta com formas geométricas, onde simula as formações em madeira da embarcação. Em suas extremidades, possui características distintas de um lado uma espécie de voluta arredondada, decorada com folhas e flores tanto na parte central como na parte lateral, na parte central inferior da peça possui decoração em formato geométrico e na parte externa, já possui o formato caracterizando o desenho das madeiras da embarcação. Do lado posterior da peça possui uma parte flexível, uma espécie de tampa, que é o lado utilizado para abrir e colocar o incenso e a colher. A parte de baixo da peça possui uma	

<p>característica de cálice invertido que serve como base para sustentar toda peça, essa parte também é toda decorada com imagens com características de folhas envolvendo toda base da peça.</p>
<p>Dados históricos A peça é pertencente ao museu das alfaias, instituição da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário da cidade de Cachoeira na Bahia, essa peça pertence ao séc. VIII e foi usada no período de Trento. A mesma foi adquirida para a paróquia através da compra e só com o passar do tempo, foi incorporada ao acervo do museu, por seu valor aquisitivo, mas também por seu valor histórico-cultural. Contudo ainda nos dias atuais essa peça é usada em momentos mais festivos, como a Festa da Padroeira Nossa Senhora do Rosário, Pentecostes, Corpus Christi e outras festas importantes para a fé católica.</p>
<p>Características iconográficas: Vaso destinado a depositar o incenso, servido por meio de uma colherinha, a ser queimado no turíbulo. A naveta geralmente é carregada por um acólito ou normalmente chamado de coroinha, a mesma forma um par com o turíbulo pois o incenso que é depositado na naveta, durante o rito da missa é colocado no turíbulo, para que seja queimado junto com a brasa e assim aquela fumaça que possui o cheiro perfumado do incenso seja elevada aos céus. A peça possui um formato de barca e para a Igreja a embarcação pode ser lembrada como a barca de Pedro, onde Jesus faz a “pesca de homens”, então a barca pode ser considerada como símbolo da própria Igreja.</p>
<p>Características técnicas: Peça criada em prata/ dourada/fundida/cinzelada, composta por 2 partes: A peça em si onde carrega o incenso e a colher que é usada para pegá-lo e colocar no turíbulo.</p>
<p>Características estilísticas:</p>
<p>Históricos de Publicação:</p>
<p>Referencia Arquivística/ Bibliográficas:</p>
<p>Avaliação Para Seguro:</p>
<p>Controle: DSC01027</p>
<p>Fotógrafo/Data: Mário Gonzaga Jorge Junior/ Abril de 2013</p>
<p>Preenchimento/data: Elilian Gonçalves Aragão/ Abril de 2013</p>
<p>Revisão/Data: Elilian Gonçalves Aragão/ Agosto 2013</p>
<p>Digitação/Data: Elilian Gonçalves Aragão/Abril de 2013</p>

FICHA 4:	
Nome: Naveta	
Coleção: Museu das Alfaias	
Categoria de acervo: Prataria	
Código de inventario: MA.994.04	
Numero de inventario anterior: BA/94-0001.0127	
Termo: Alfaia Eucarística	
Classificação: Objeto Litúrgico	
Data: s/r	
Data atribuída: séc. XIX	
Autoria: S/R	
Matéria/técnica: prata/fundida/cinzelada	
Procedência: s/r	
Origem: s/r	
Modo de aquisição: compra	
Estado de conservação: péssimo	
Data de aquisição: s/r	
Marcas e inscrições: s/r	
Dimensões: altura: 18 cm; peso: 1300g. Peso: 700g	

<p>Descrição do objeto; Naveta em forma de cálice invertido, base circular, na junção para a base e a parte superior possui uma haste em nó central e anéis. Decorada com flores e faixas lisas por toda extensão da peça, nas extremidades possui faixas em formas de volutas circulares.</p>
<p>Dados históricos A peça é pertencente ao Museu das Alfaias, instituição da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário da cidade de Cachoeira na Bahia, essa peça pertence ao séc. VIII e foi usada no período de Trento, a mesma foi adquirida para a paróquia através da compra e só com o passar do tempo foi incorporada ao acervo do museu, por seu valor aquisitivo, mas também por seu valor histórico-cultural, por se tratar de uma peça secular. Contudo ainda nos dias atuais essa peça é usada em momentos mais festivos dessa mesma Igreja, como a Festa da Padroeira Nossa Senhora do Rosário, Pentecostes, corpus Christi e outras festas importantes para a fé católica.</p>
<p>Características iconográficas: Vaso destinado a depositar o incenso, servido por meio de uma colherinha, a ser queimado no turíbulo. A naveta geralmente é carregada por um acólito ou normalmente chamado de coroinha, a mesma forma um par com o turíbulo, pois o incenso que é depositado na naveta. Durante o rito da missa é colocado no turíbulo, para que seja queimado junto com a brasa e assim, aquela fumaça que possui o cheiro perfumado do incenso seja elevada aos céus.</p>
<p>Características técnicas: Peça criada em prata/fundida/cinzelada, composta por 2 partes: Uma base em forma de cálice invertido e a parte superior com uma parte móvel que é usada para inserir o incenso.</p>
<p>Características estilísticas:</p>
<p>Históricos de Publicação:</p>
<p>Referencia Arquivística/ Bibliográficas:</p>
<p>Avaliação Para Seguro:</p>
<p>Controle: DSC01017</p>
<p>Fotógrafo/Data: Mário Gonzaga Jorge Junior/ Abril de 2013</p>
<p>Preenchimento/data: Elilian Gonçalves Aragão/ Abril de 2013</p>
<p>Revisão/Data: Elilian Gonçalves Aragão/ Agosto 2013</p>
<p>Digitação/Data: Elilian Gonçalves Aragão/Abril de 2013</p>

FICHA 5:	
Nome: Turibulo	
Coleção: Museu das Alfaias	
Categoria de acervo: Prataria	
Código de inventario: MA. 994.05	
Numero de inventario anterior: BA/94-0001.0129	
Termo: Alfaia Eucarística	
Classificação: Objeto Litúrgico	
Data: s/r	
Data atribuída: séc. XIX	
Autoria: S/R	
Matéria/técnica: prata/fundida/cinzelada	
Origem: s/r	
Procedência: s/r	
Modo de aquisição: compra	
Estado de conservação: péssimo	
Data de aquisição: s/r	
Marcas e inscrições: s/r	
Dimensões: altura: 24,5cm; peso: 1300g.	
Diagnósticos:	
Descrição do objeto; Turibulo em forma de cálice invertido vazado com flores e rocatos, sustenta um fogareiro. Na parte inferior da peça, existem varias ondulações em formas de flores e na parte superior nos locais onde não estão vazados também apresentam a mesma decoração. Em três pontos laterais e outro superior central encontram-se argolas onde estão presas as correntes, para que possam levantar a parte	

superior da peça para colocar a brasa e do incenso. A corrente possui certo comprimento para que possa manter a peça, quando esta estiver em uso, um pouco longe da pessoa que a estiver manuseando. A ponta da corrente é fixada ao final, com uma espécie de disco que possui a mesma decoração da peça, este disco ajuda no ajuste do tamanho da corrente, para o melhor manuseio do usuário.

Dados históricos: A peça é pertencente ao museu das alfaias, instituição da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário da cidade de Cachoeira na Bahia, esta peça pertence ao sec. XIX e foi usada no período de Trento, a mesma foi adquirida para a paróquia, através da compra e só com o passar do tempo à mesma foi incorporada ao acervo do museu, por seu valor aquisitivo, mas também por seu valor histórico-cultural. Contudo ainda nos dias atuais esta peça é usada em momentos mais festivos desta mesma Igreja, como a Festa da Padroeira Nossa Senhora do Rosário, Pentecostes, Corpus Christi e outras festas importantes para a fé católica. Esta é uma peça usada basicamente para fins litúrgicos, não possuindo nenhum dado, que informe sobre seu uso fora da liturgia católica.

Características iconográficas: Recipiente suspenso por correntes, de forma oval, com uma base em cálice feito de prata, em que se coloca carvão em brasa destinado à queima de incenso nos atos religiosos. De acordo com caderno de noções de arquiteturas arqueológicas cristãs, desde o momento em que a igreja admitiu o uso do incenso na liturgia, teve que admitir o uso de um vaso para queimá-lo o chamado hoje em dia de turíbulo. Segundo esse caderno, dificilmente se poderá negar que o uso do incenso como sinal de veneração e respeito data a partir do cristianismo, porque os cânones católicos falavam dele, mas não é fácil dizer qual a forma de uso dos vasos primitivos; É provável que os primeiros turíbulos se parecessem com copos, afim de que o sacerdote pudesse agarrá-lo facilmente pelo balaustre e podendo assim levá-lo de um lado a outro no altar. Este copo provavelmente tinha forma de uma espécie de queimador de perfume. Hoje em sua grande maioria possui forma oval, com duas partes distintas, a inferior onde se coloca a brasa e o incenso e uma superior como se fosse uma espécie de tampa, para que o “fogo” não saia do recipiente. Em sua grande maioria, esta parte superior é vazada para que a “fumaça perfumada” possa sair de uma forma mais fácil. Outra característica comum dos turíbulos é a sua corrente que geralmente é fixada por três argolas laterais e uma superior, onde a mesma possui um bom comprimento para que o sacerdote possa manuseá-lo.

Características técnicas: Peça criada em prata/fundida/cinzelada, composta por 3 partes: Uma base em forma de cálice invertido, uma outra superior com formato oval e uma corrente que serve como suporte para segurar a peça suspensa.

Características estilísticas:

Históricos de Publicação:

Referencia Arquivística/ Bibliográficas:

Avaliação Para Seguro:

Controle: DSC01010

Fotógrafo/Data: Mário Gonzaga Jorge Junior/ Abril de 2013
Preenchimento/data: Elilian Gonçalves Aragão/ Abril de 2013
Revisão/Data: Elilian Gonçalves Aragão/ Agosto 2013
Digitação/Data: Elilian Gonçalves Aragão/Abril de 2013

FICHA 6:	
Nome: Turibulo	
Coleção: Museu das Alfaias	
Categoria de acervo: Prataria	
Código de inventario: MA.994.06	
Numero de inventario anterior: BA/94-0001.0122	
Termo: Alfaia Eucarística	
Classificação: Objeto Litúrgico	
Data: s/r	
Data atribuída: séc. XIX	
Autoria: S/R	
Matéria/técnica: prata/fundida/cinzelada	
Procedência: s/r	
Origem: s/r	
Modo de aquisição: compra	
Estado de conservação: péssimo	
Data de aquisição: s/r	
Marcas e inscrições: s/r	
Dimensões: altura: 25 cm de altura; peso: 1000 g	
Diagnósticos:	
Descrição do objeto; Peça em prata com formato de cálice invertido possui um diâmetro mais oval, com flores, laços de fitas, guirlandas e rocatos. A peça é dividida em duas partes, a inferior que é utilizada para colocar a brasa e o incenso e a superior é como uma espécie de tampa para fechar e compor a peça. A parte superior é toda vasada e apresenta a mesma decoração em ambas as partes. Em todos os lados e na parte superior, a peça possui espécie	

de argola onde as pontas das correntes que a sustentam estão presas, estas correntes possui a função de sustentar a peça e são utilizadas para abrir e/ou fechar a mesma, na ponta da corrente possui outra argola onde a mesma adequa o tamanho da corrente.

Dados históricos A peça é pertencente ao Museu das alfaias, da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário da cidade de Cachoeira na Bahia, esta peça pertence ao séc. XIX e foi usada no período de Trento. A mesma foi adquirida para a paróquia através da compra e só com o passar do tempo a mesma foi incorporada ao acervo do museu, por seu valor aquisitivo, mas também por seu valor histórico-cultural. Contudo ainda nos dias atuais esta peça é usada em momentos mais festivos dessa mesma Igreja, como a Festa da Padroeira Nossa Senhora do Rosário, Pentecostes, Corpus Christi e outras festas importantes para a fé católica.

Características iconográficas: Recipiente suspenso por correntes, de forma oval, com uma base em cálice, feito de prata em que se coloca carvão em brasa destinado à queima de incenso nos atos religiosos. De acordo o caderno de noções de arquiteturas arqueológicas cristãs, desde o momento em que a igreja admitiu o uso do incenso na liturgia, teve que admitir o uso de um vaso para queimá-lo o chamado hoje em dia de turíbulo. Segundo esse caderno dificilmente se poderá negar que o uso do incenso como sinal de veneração e respeito data a partir do cristianismo, porque os cânones católicos falavam dele, mas não é fácil dizer qual a forma de uso dos vasos primitivos; É provável que os primeiros turíbulos se parecessem com copos, afim de que o sacerdote pudesse agarrá-lo facilmente pelo balaustre e podendo assim levá-lo de um lado a outro no altar, este copo provavelmente tinha forma de uma espécie de queimador de perfume. Hoje em sua grande maioria possui forma oval, com duas partes distintas, a inferior onde se coloca a brasa e o incenso e uma superior como se fosse uma espécie de tampa, para que o “fogo” não saia do recipiente, em sua grande maioria essa parte superior é vazada para que a “fumaça perfumada” possa sair de uma forma mais fácil. Outra característica comum dos turíbulos é a sua corrente, que geralmente é fixada por três argolas laterais e uma superior, onde a mesma possui um bom cumprimento, para que o sacerdote possa manuseá-lo.

Características técnicas: Peça criada em prata/ dourada/fundida/cinzelada, composta por 2 partes: A parte de baixo onde é depositado a brasa e o incenso e a parte superior que tampa a peça para que o fogo não saia.

Características estilísticas:

Históricos de Publicação:

Referencia Arquivística/ Bibliográficas

Avaliação Para Seguro:

Fotógrafo/Data: Mário Gonzaga Jorge Junior/ Abril de 2013
Controle: DSC01049
Preenchimento/data: Elilian Gonçalves Aragão/ Abril de 2013
Digitação/Data: Elilian Gonçalves Aragão/Abril de 2013
Revisão/Data: Elilian Gonçalves Aragão/ Agosto 2013

FICHA 7:	
Nome: Turibulo	
Coleção: Museu das Alfaias	
Categoria de acervo: Prataria	
Código de inventario: MA.994.07	
Numero de inventario anterior: BA/94-0001.0121	
Termo: Alfaia Eucarística	
Classificação: Objeto Litúrgico	
Título: s/r	
Data: s/r	
Data atribuída: séc. XVIII	
Autoria: S/R	
Matéria/técnica: prata/fundida/cinzelada	
Origem: s/r	
Procedência: s/r	
Modo de aquisição: s/r	
Estado de conservação: péssimo	
Data de aquisição: s/r	
Marcas e inscrições: s/r	
Dimensões: altura: 25 cm; peso: 1300g. Circunferência: base 9 cm	
Diagnósticos:	
Descrição do objeto; Turibulo em forma de cálice invertido, vazado com flores e rocatos, sustenta um fogareiro, na parte inferior da peça, existem varias ondulações em formas de flores, rocatos e folhas na parte superior nos locais onde não estão vazados também apresentam a mesma decoração. Em três pontos	

laterais e outro superior central encontram-se argolas onde estão presas as correntes usadas para levantar a parte superior da peça para colocar a brasa e o incenso. No espaço entre a parte superior e inferior possui uma decoração vazada, para que a fumaça saia e não esquite demais a peça. A corrente possui certo comprimento para que possa manter a peça, quando esta estiver em uso, um pouco longe da pessoa que a estiver manuseando. A ponta da corrente é fixada ao final com uma espécie de disco que possui a mesma decoração da peça. Este disco ajuda no ajuste do tamanho da corrente para o melhor manuseio do usuário.

Dados históricos A peça é pertencente ao Museu das Alfaias, instituição da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário da cidade de Cachoeira na Bahia, esta peça é do sec. XIX e foi usada no período de Trento, a mesma foi adquirida para a paróquia através da compra e só com o passar do tempo à mesma foi incorporada ao acervo do museu, por seu valor aquisitivo, mas também por seu valor histórico-cultural. Contudo ainda nos dias atuais essa peça é usada em momentos mais festivos dessa mesma Igreja, como a Festa da Padroeira Nossa Senhora do Rosário, Pentecostes, Corpus Christi e outras festas importantes para a fé católica. Essa é uma peça usada basicamente para fins litúrgicos, não possuindo nenhum dado que informe sobre seu uso fora da liturgia católica.

Características iconográficas: Recipiente suspenso por correntes, de forma oval, com uma base em cálice, feito de prata em que se coloca carvão em brasa destinado à queima de incenso nos atos religiosos. De acordo o caderno de noções de arquiteturas arqueológicas cristãs, desde o momento em que a igreja admitiu o uso do incenso na liturgia, teve que usar um vaso para queimá-lo, chamado turíbulo. Segundo esse caderno dificilmente se poderá negar que o uso do incenso como sinal de veneração e respeito data a partir do cristianismo, porque os cânones católicos falavam dele, mas não é fácil dizer qual a forma de uso dos vasos primitivos; É provável que os primeiros turíbulos se parecessem com copos, afim de que o sacerdote pudesse agarrá-lo facilmente pelo balaustre e podendo assim levá-lo de um lado a outro no altar. Este copo provavelmente tinha forma de uma espécie de queimador de perfume. Hoje em sua grande maioria possui forma oval, com duas partes distintas, a inferior onde se coloca a brasa e o incenso e uma superior como se fosse uma espécie de tampa, para que o “fogo” não saia do recipiente, em sua grande maioria esta parte superior é vazada para que a “fumaça perfumada” possa sair de uma forma mais fácil. Outra característica comum dos turíbulos é a sua corrente que geralmente é fixada por três argolas laterais e uma superior, onde a mesma possui um bom comprimento, para que o sacerdote possa manuseá-lo.

Características técnicas:

Peça criada em prata/fundida/cinzelada, composta por 2 partes: Uma base em, forma de cálice invertido, uma outra superior com formato oval e uma correte que serve para segurar a peça suspensa.

Características estilísticas:

Históricos de Publicação

Referencia Arquivística/ Bibliográficas
Avaliação Para Seguro
Controle: DSC01057
Fotógrafo/Data: Mário Gonzaga Jorge Junior/ Abril de 2013
Preenchimento/data: Elilian Gonçalves Aragão/ Abril de 2013
Revisão/Data: Elilian Gonçalves Aragão/ Agosto 2013
Digitação/Data: Elilian Gonçalves Aragão/Abril de 2013

FICHA 8:	
Nome: Turibulo	
Coleção: Museu das Alfaias	
Categoria de acervo: Prataria	
Código de inventario: MA.994.08	
Numero de inventario anterior: BA/94-0001.0126	
Termo: Alfaia Eucarística	
Classificação: Objeto Litúrgico	
Data: s/r	
Data atribuída: séc. XIX	
Autoria: S/R	
Matéria/técnica: prata/fundida/cinzelada	
Origem: s/r	
Procedência: s/r	
Modo de aquisição: compra	
Estado de conservação: péssimo	
Data de aquisição: s/r	
Marcas e inscrições: s/r	
Dimensões: altura: 24 cm; peso: 700g	
Diagnósticos:	
Descrição do objeto; Turibulo com base circular lisa, em forma de cálice invertido, vazado com flores e folhas na vertical, sustenta um fogareiro, na parte inferior da peça, existem varias ondulações em formas de flores,	

rocatos e folhas na parte superior nos locais onde não estão vazados também apresentam a mesma decoração. Em três pontos laterais e outro superior central encontram-se argolas onde estão presas as correntes usadas para ajudar a levantar a parte superior da peça para ajudar a colocar a brasa e do incenso. No espaço entre a parte superior e inferior possui uma decoração vazada, para que a fumaça saia e não esquite demais a peça. A corrente possui certo comprimento para que possa manter a peça, quando esta estiver em uso, um pouco longe da pessoa que a estiver manuseando. A ponta da corrente é fixada ao final com uma espécie de disco que possui a mesma decoração da peça, este disco ajusta do tamanho da corrente para o melhor manuseio do usuário.

Dados históricos A peça é pertencente ao Museu das Alfaias, instituição da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário da cidade de Cachoeira na Bahia, esta peça é do sec. XIX e foi usada no período de Trento, a mesma foi adquirida para a paróquia através da compra e só com o passar do tempo à mesma foi incorporada ao acervo do museu, por seu valor aquisitivo, mas também por seu valor histórico-cultural. Contudo ainda nos dias atuais essa peça é usada em momentos mais festivos dessa mesma Igreja, como a Festa da Padroeira Nossa Senhora do Rosário, Pentecostes, Corpus Christi e outras festas importantes para a fé católica. Essa é uma peça usada basicamente para fins litúrgicos, não possuindo nenhum dado que informe sobre seu uso fora da liturgia católica.

Características iconográficas: Recipiente suspenso por correntes, de forma oval, com uma base em cálice, feito de prata em que se coloca carvão em brasa destinado à queima de incenso nos atos religiosos. De acordo o caderno de noções de arquiteturas arqueológicas cristãs, desde o momento em que a igreja admitiu o uso do incenso na liturgia, teve que admitir o uso de um vaso para queimá-lo o chamado hoje em dia de turíbulo. Segundo este caderno dificilmente se poderá negar que o uso do incenso como sinal de veneração e respeito data a partir do cristianismo, porque os cânones católicos falavam dele, mas não é fácil dizer qual a forma de uso dos vasos primitivos; É provável que os primeiros turíbulos se parecessem com copos, afim de que o sacerdote pudesse agarrá-lo facilmente pelo balaustre levando de um lado a outro no altar, este copo provavelmente tinha forma de uma espécie de queimador de perfume. Hoje em sua grande maioria possui forma oval, com duas partes distintas, a inferior onde se coloca a brasa e o incenso e uma superior como se fosse uma espécie de tampa, para que o fogo não saia do recipiente. Em sua grande maioria essa parte superior é vazada, para que a “fumaça perfumada” possa sair de uma forma mais fácil. Outra característica comum dos turíbulos é a sua corrente, que geralmente são fixadas por três argolas laterais e uma superior, onde a mesma possui um bom comprimento para que o sacerdote possa manuseá-lo.

Características técnicas:

Peça criada em prata/fundida/cinzelada, composta por 2 partes: Uma base em forma de cálice invertido, uma outra superior com formato oval e uma corrente que serve como suporte para segurar a peça suspensa.

Características estilísticas:

Históricos de Publicação:
Referencia Arquivística/ Bibliográficas
Avaliação Para Seguro:
Controle: DSC001031
Fotógrafo/Data: Mário Gonzaga Jorge Junior/ Abril de 2013
Preenchimento/data: Elilian Gonçalves Aragão/ Abril de 2013
Revisão/Data: Elilian Gonçalves Aragão/ Abril de 2013
Digitação/Data: Elilian Gonçalves Aragão/ Abril de 2013

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme demonstramos ao longo deste estudo monográfico, o Museu das Alfaias é uma instituição que não existe fisicamente, suas peças ficam guardadas no cofre da igreja matriz de Nossa Senhora do Rosário, em Cachoeira, Bahia, ou expostas em outros recintos do mesmo templo matricial. Sabemos que os objetos que constituem o supracitado acervo foram registrados no Inventário de Bens Móveis e Integrados feito pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no ano de 1994. Contudo, o acervo não foi documentado do ponto de vista da museologia. Como vimos, a documentação museológica é muito mais que a ação de preencher planilhas de inventário.

Salientamos que objetivo primordial desse estudo monográfico é assegurar que o valor histórico-cultural e cultural dos objetos eucarísticos de prata, seja conhecido em profundidade. Assim sendo, debruçamo-nos sobre o modo de celebração eucarística praticado na época tridentina (mesmo período em que os objetos que nos propusemos a documentar foram confeccionados). Reconhecemos que as planilhas de inventário não puderam ser preenchidas completamente, mas essa lacuna deve-se ao fato do museu não estar em funcionamento e, portanto, não possuir uma equipe multidisciplinar composta por museólogos, historiadores da arte, conservadores, entre outros. Além disso, a documentação museológica que fizemos das alfaias eucarísticas de prata – mesmo que incompleta do ponto de vista do preenchimento da ficha de catalogação – configura-se como um contributo e um incentivo, para que o Museu das Alfaias de Cachoeira seja, de fato, implantado fisicamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGAN, Giulio Carlo. *Imagem e persuasão: ensaios sobre o barroco*. São Paulo: companhia das letras, 2004.

AVILA, Affonso. *Barroco: teoria e análise*. Tradução: Sergio Coelho, Perola de Carvalho, Elza Cunha de Vincenzo, Eldécio Mostaço, Marise Levy. São Paulo: Perspectiva Belo Horizonte, 1997.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CANDIDO, Maria Inez. *Documentação museológica*. In Caderno de diretrizes museológicas. Brasília, 2006. 2º edição.

CARR-GOMM, Sarah. *Dicionário de Símbolos na Arte: Guia ilustrado da pintura e da escultura ocidentais*. Bauru, sp: EDUSC, 2004.

CHAGAS, Mario. *Caderno de museologia 2*. Rio de Janeiro: UNI-RIO, 1994.

CHARTIER, Roger. *A beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 2002.

DOTRO, Ricardo Pascual; HELDER, Gerardo García. *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

DAMASCENO, Sueli. *Igrejas Mineiras: Glossário de bens móveis*. Institutos de Artes e Cultura, Ouro Preto/UFOP, 1987

JULIÃO, Letícia. *Cadernos de diretrizes museológicas 2: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa*. Secretaria do Estado de Cultura de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

JUNGMANN, Josef A., *Missarum Sollemnia: origens, liturgia, história e teologia da missa romana*. 5ª ed. Corr. São Paulo: Paulus, 2008.

HALL, James. *Diccionario de Temas y Símbolos Artísticos*. Madrid: Alianza Editorial, 1987. (2vols.)

NUNES, Veronica Maria Menezes. *Glossário de Termos sobre Religiosidade*. Aracaju: Tribunal de Justiça: Arquivo Judiciário do Estado de Sergipe, 2008.

PANOFSKY, Erwin. *O significado nas Artes Visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

RÉAU, Louis. *Iconografia del arte Cristiano: Iconografia de la Bíblia, Antiguo Testamento*. Barcelona: Ediciones de Serbal, 1999.

RÉAU, Louis. *Iconografia del arte Cristiano: Iconografia de la Bíblia, Nuevo testamento*.

Barcelona: Ediciones de Serbal, 2008.

ROQUE, Maria Isabel rocha. *Altar cristão até à reforma católica*. Ed: Universidade Lusíada . Lisboa, 2004.

SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. *dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992.

SCHEINER, Tereza Cristina. *Museus e museologia: Uma relação científica*. Ciências em museologia 1988.

SCHIMITT, Jean. *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Media*, São Paulo: EDUSC, 2007.

FONTES IMPRESSAS

Catecismo Romano. Tradução de Frei Leopoldo Pires Martins, O, F, M. Petrópolis: Editora Vozes, 1951.

MANJARRÉS, D. José de. *Nociones de Arqueología Cristiana para uso de los Seminarios Conciliares*: guia de párocos e juntas de obra y fábrica de las Iglesias. Barcelona: Imprenta del Heredero de D. Pablo Riera, 1867. 342 p. Cf. também: DAMASCENO, Sueli. *Igrejas Mineiras*: Glossário de bens móveis. Ouro Preto: Instituto de Artes e Cultura/UFOP, 1987.

VIDE, D. Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia feitas e ordenadas pelo illustríssimo, e reverendíssimo senhor D. Sebastião Monteiro da Vide, 5º Arcebispo do dito Arcebispado, e do Conselho de Sua Majestade: propostas, e aceitas em o Synodo Diocesano, que o dito senhor celebrou em 12 de junho do anno de 1707*. Impressas em Lisboa no anno de 1719, e em Coimbra em 1720 com todas as licenças necessárias, e ora reimpressas nesta Capital. São Paulo: Na Typographia de Antônio Louzada Antunes. 2 de Dezembro. 1853.

SITES CONSULTADOS

<<http://juventudemc.wordpress.com/2012/06/06/simbolos-liturgicos-a-naveta/>>
Acessado em 28/04/2013.

<<http://www.bibliacatolica.com.br/blog/tag/barca/#.UX2UjbSlxQg>>
Acessado em 28/04/2013.

<<http://obrascaticas.com/livros/Catecismo/Catecismo%20da%20Santa%20Missa.pdf>>
Acessado em 30/07/2013.

<<http://www.montfort.org.br/old/index.php?secao=documentos&subsecao=catecismo&artigo=missa&lang=bra>> Acessado em 30/07/2013.

<[http://www.ourladyoffatimachurch.net/ENCICLOPEDIA\(C\)CATECISMO%20DA%20IGREJA%20CATOLICA.PDF](http://www.ourladyoffatimachurch.net/ENCICLOPEDIA(C)CATECISMO%20DA%20IGREJA%20CATOLICA.PDF)> Acessado em: 30/07/2013.